

O ALGARVE ILLUSTRADO

JORNAL LITTERARIO

COLLABORADORES: — Ex.^{mos} Srs.: João de Deus, Henrique Moreira, dr. J. F. Guimarães, José M. Reis, Annes Bazarria, Górges de Avellar, Rocha Pict., Salazar Mascoso, Casimiro Dantas, Martins Contreiras, Costa Bonança, Lorjol Tavares, S. Coelho de Carvalho, Estácio da Veiga, Paes d'Avell., Duarte de Almeida, Carlos Paiva, Pedro Tello, Alfredo Cunha, dr. A. J. Gonçalves, Guimarães, dr. Justino Cimenó, A. Cruz, Santos Fenecea, Joaquim Mascarellhas Netto, J. M. Lealle Quintino, Ma. ed. Ortigão.

PROPRIEDADE DE J. F. TAVARES BELLO

N ^o 1	ASSIGNATURAS	Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.	CORRESPONDENCIA	1 ANNO
	80 réis cada numero, pagos no acto da entrega. Numero avulso 420 réis. Photographia em separado, meia chapa 150, cartão de visita 80 réis.	Terça-feira, 1 de Junho de 1880	Toda a correspondencia deverá ser dirigida a J. F. Tavares Bello, Faro, rua da Cadeia n.ºs 20 e 22. Os originaes enviados, sejam ou não publicados, não se restituem.	

FARO

A curta distancia do calo de Santa Maria, antigamente chamado cabo *cunco*, e na margem esquerda do rio Val-formoso, tendo ao norte e nascente os pequenos montes do *Alto de Rhodes e Santo Antonio*

do *Alto*, está situada a cidade de Faro, capital da provincia do Algarve.

Conforme a opinião de alguns antiquarios, Faro foi fundada por uma colonia grega e o seu nome provém da palavra grega *pharos* por terem os seus fundado-



VISTA DA PRAÇA DA RAINHA EM FARO

res collocado na praia um farol para guia dos navegantes.

E' certo que, nas escavações feitas ultimamente em alguns pontos da cidade, se encontraram vestigios de construcções carthaginezas e romanas, e os restos da muralha que ainda circunda a chamada villa são na maxima parte obra dos mouros, cuja dominação durou até á tomada da villa por D. Affonso III, em 28 de março de 1249, em resultado da avença feita com o alcaide *Alcandro* e o a'moxarife *Aben-Barran*, que a governavam pelo Miramolim de Marrocos.

Em opposição a este facto historico está a antiga tradição de que a tomada do castello foi devida á traição d'uma moura, que, para se vingar d'um certo agravo, abriu de noite uma das portas da fortaleza por onde entraram os primeiros sitiadores. Effectivamente ainda hoje existe na parte da muralha, que deita para o mar, uma porta falsa chamada a da *traição*.

Como quer que seja, o facto incontestavel é que

a antiga villa de *Faraon* ou *Faron* ficou desde aquella epocha sujeita ao dominio portuguez, embora o rei de Castella nos disputasse por algum tempo o direito de usufructo de todas as conquistas que os nossos fizeram aos mouros no reino do Algarve.

O primeiro governador portuguez da villa, nomeado por D. Affonso III, foi o intrepido Estevão Pires.

A villa de Faro, que de uma pequena mas forte povoação acastellada se tornou em menos de tres seculos uma rica e populosa cidade, a cuja categoria a elevara D. João III, por carta passada em 7 de setembro de 1540, foi victima do vandalismo dos inglezes, que a incendiaram em 1596, reinando Philippe II, o intruso, e sendo governador do Algarve Ruy Lourenço de Tavora e bispo D. Fernando Martins Mascarenhas.

N'essa medonha catastrophe foram consumidos os cartorios e archivos antigos, tão interessantes para a historia, escapando apenas do incendio as egrejas de S.

Pedro e da Misericordia. A tradição affirma, como diz o incansavel investigador João Baptista Lopes, que uma grande parte da rica livreria de D. Jeronymo Osorio, roubada por essa occasião, foi levada para a universidade de Oxford, onde ainda existe.

Esta cidade passou a ser episcopal em 1577, pouco tempo antes da morte d'aquelle sabio prelado, pela trasladação da Sé que estava em Silves. Teve voto em cortes na velha monarchia, e os seus procuradores tinham assento no terceiro banco. Era cabeça de comarca e jugado de vara branca. Deram-lhe foral D. Affonso III, D. João I e D. Manuel. O primeiro titulo de conde de Faro foi dado por D. Affonso V a D. Affonso, filho terceiro de D. Fernando.

Por decreto de 15 de agosto de 1833 o imperador D. Pedro IV deu ao brigadeiro Diocleciano de Brito Cabreira o titulo de barão de Faro. Tem por armas uma Senhora da Conceição entre duas torres e uma estrella do lado direito. Foi considerada praça de guerra de 2.^a classe e no seu castello mouresco estava o quartel para infantaria e artilheria. Actualmente a sua guarnição é feita por um destacamento de infantaria 15 ou de caçadores 4, que se aquartela no antigo convento de S. Francisco.

As derrocadas muralhas da antiga villa de Santa Maria de Faro, onde se encontram lapidas e cippós de muito valor archeologico, dão indicios de que foram reconstruidas com os restos da memoravel Ossonoba, que segundo a opinião dos mais auctorizados antiquarios existiu no sitio do Milreu e Estoy. E' de creer que essas reconstrucções tiveram lugar no tempo dos mouros e quando D. João IV, por alvará de 11 de julho de 1644, a mandou cingir de muro como de um arnez em vespéras de combate.

O terremoto de 1755 destruiu-lhe quasi todos os edificios, ficando sepultadas nas suas ruínas mais de duzentas pessoas. O governador das armas, que então era o arcebispo D. Fr. Lourenço de Santa Maria, salvando-se a custo por entre as ruínas do seu proprio palacio, mostrou por essa occasião, como diz o citado Baptista Lopes, quanto póde o zelo d'um caritativo pastor, trabalhando com uma enxada em desentulhar os mortos e feridos, administrando os sacramentos a estes, mandando dar sepultura aquelles e distribuindo largas esmolas não só na cidade, mas por todo o Algarve.

Evangelico exemplo de caridade!

Esta cidade distinguin-se sempre pelos serviços que preston nas conquistas de Africa e Asia, e especialmente no seculo XVII contra as correrias e depredações dos corsarios das potencias barbarescas nas costas do Algarve, servindo como de baluarte inexpugnavel contra os frequentes ataques d'esses ferozes piratas.

Contraria á causa constitucional em 1828 auxiliou o partido da usurpação, contribuindo para que em Tavira e Albufeira se malograsse o movimento liberal, iniciado pelo segundo batalhão de infantaria 2 e pelo regimento de melicias de Lagos. Mais tarde, quando a divisão expedicionaria commandada pelo bravo duque da Terceira desembarcou no Algarve, foi uma das primeiras povoações da provincia que recebeu com as maiores demonstrações de regosijo o heroe da Asseiceira.

A brava defesa de Faro nos differentes ataques das forças realistas, sob o commando do general Cabreira e outros, é o testemunho mais eloquente de quanto vale a constancia e o esforço d'aquelles que combatem pelo santo amor da liberdade.

Tem a cidade r. as largas e espaçosas e alguns edificios dignos de menção, como a igreja da Sé, que foi mesquita dos mouros, — o seminario episcopal, mandado concluir pelo virtuoso e insigne bispo D. Francisco Gomes, — o lyceu, — o palacio episcopal, — a igreja e casa da Misericordia, fundada pelo bispo D. Affonso de Castello Branco pelos annos de 1581

a 1585 e reconstruida por aquelle prelado, — e o edificio do governo civil, reconstruido ha poucos annos.

Na praça da Rainha que mostra a nossa estampa, vê-se na parte do sul o formoso arco da villa ornado com a estatua de S. Thomaz d'Aquino, obra primorosa mandada vir de Roma pelo mencionado D. Francisco Gomes. Na parte de traz do arco existe a ermida de Nossa Senhora do O, ou de *Entre-las-Aguas*, advogada dos mareantes d'esta cidade, os quaes contribuem com esmolas para a festa annual que alli fazem á mesma Senhora. No centro da praça, no lado do nascente, está situado o mercado da verdura, de moderna construeção. Ao lado ergue-se o magestoso e bem construido hospital da Misericordia, a igreja e recolhimento. No começo da Ribeira existe a casa da alfandega e armazens de arrecadação. Na parte do sul e no sitio do *Registro*, onde ainda se observa a quasi derrocada torre do pogo das nans ou da *Figia*, está em começo o novo mercado do peixe, cujo custo não será inferior a 7:000\$000 réis.

Ao nascente da muralha da antiga villa existe ainda o celebre arco de Nossa Senhora do Repouso, onde se venera a piedosa imagem da mesma Senhora em uma eranda mandada erigir pela vereação de 1709, no mesmo lugar em que estava o pequeno nicho que a piedade dos fieis construiu, muito provavelmente pouco tempo depois da tomada da villa, em memoria do descanso que, segundo a tradição, n'aquelle mesmo sitio tivera D. Affonso III depois da lucta, que gloriosamente sustentou, para arrancar do poder dos infieis uma das praças mais fortes d'este antigo reino de Algarve.

No anno de 1785 ainda se via no emal do arco que servia de fundo á ermida um bogado de lapida de boa pedra com a inscripção — *Victor*.

O commendador Bernardino José de Senna Freitas, na sua *Collecção de Memorias e Documentos para a Historia do Algarve*, diz que é verosimil que esta pedra monumental fosse dedicada a perpetuar o dia da victoria alcançada por aquelle rei.

Tem esta cidade, além das duas igrejas matizes, Sé e S. Pedro, a da Misericordia, a do Carmo, a de S. Francisco, a de S. Antonio dos Capuchos, a da Senhora do Pé da Cruz, a de S. Sebastião, a chamada Capellinha do Bispo e a da Magalena, e, nos arredores da mesma cidade, as ermidas da Esperança, de S. Luiz, de S. Antonio do Alto, de S. Christovão e da Senhora da Saude que pertence a um particular.

Teve muitos conventos, em jum dos quaes o dr. Lazaro Deglioni mandou construir o excellente theatro *Lithes*, que é um dos melhores de provincia. Ha um outro theatro denominado *Primeiro de Dezembro* mandado fazer ha pouco mais de cinco annos, juntamente com um asylo para meninas pobres pelo barão da Ponte de Marxil.

As duas freguezias da cidade são a da Sé, que em 1876 contava 1:175 foges com 4:182 habitantes, e a de S. Pedro com 1:085 foges e 4:395 habitantes.

Entre as muitas irmandades e confrarias, que existem n'esta cidade, são as principaes a da Ordem Terceira do Carmo e da Ordem Terceira de S. Francisco. Ha duas sociedades recreativas, o *Club Farense* e o *Club Progressista*, e a bem organizada *Associação Protectora dos Artistas de Faro*.

Os rendimentos do presente anno da câmara municipal estão calculados pela forma seguinte: contribuições directas 3:581\$500 réis, contribuições indirectas 6:948\$826 réis, rendas por transgressões de posturas e afilamentos 642\$773 réis, e rendas dos bens propios 863\$272 réis.

E' Faro patria de muitos varões illustres nas armas e nas letras e da valorosa Brites d'Almeida, a celebre paleira d'Aljubarrota. O seu clima é

quente mas sadio. Tem escassez de boas águas, mas os seus arredores são amenos e abundantes de boas quintas e pomares. Ha duas feiras annuaes, a do Carmo em 16 de julho e a de Santa Iria em 29 d'outubro. O seu commercio de exportação é de sal, fructas passadas, larauja, amendoa, figo, alfarroba, ovos, peixe salgado, mariscos, cortiça e obras de pal'ma e esparto.

E, finalmente, a capital do districto, embora n'estes ultimos annos tenha sido muito beneficiada, é toda via susceptivel de muitos melhoramentos, e ha a bem fundada esperanza de que a conclusão do caminho de ferro do Algarve, cujo terminus é n'esta cidade, hade vir desenvolver todos os elementos de prosperidade que em si tem, dando-lhe um dos primeiros logares entre as mais ricas e importantes cidades de Portugal.

SALVÊ!

Sando o *Algarve Illustrado*.

Modesto pharol para illuminar es espirites dos habitantes do Algarve, elle será visto, lá de longe, tambem, pelo resto do paiz, que se irá habituando a considerar esta provincia como legitima irmã de todas as outras de Portugal.

As ondas incantaveis do mar e as ondas inertes da serrañia apartam quasi de todo esta nesga do convivio regular e harmonico de toda a terra portugueza.

D'aqui a immobildade; o silencio cá dentro; o desdem, quasi o desprezo lá fóra por tudo quanto diz Algarve.

Palavra morta; terra abandonada!

Todavia, o esplendor d'esta plaga, a riqueza d'este solo, a laboriosidade quasi inefficaz, mas incansavel, d'estes 200:000 habitantes, conclamam contra a atroz condemnação do Tantaló algarvio.

As trevas da ignorancia, a vida laboriosa e miseravel para a massa marítima e campestre; o egoismo e a atrophia intellectual e moral da burguezia mais ou menos illustrada — eis o effeito d'este injustissimo sequestro.

De vez em quando apparece a iniciativa estranha a fecundar com a sua intelligencia, trabalho e capital, algum manancial ignoto da riqueza algarvia; mas o Algarve não acode á voz que lhe brada: — Ergue-te, e vem connosco!

Ha de ser longo o despertar d'esta sociedade, que mesmo no somno exhaure as forças.

Mas é preciso facilitar, preparar a evolução do momento vital para esta bella e boa provincia.

Venha de cima o impulso, a luz que deve vir; venha em primeiro logar a instrução; venha a execução austera e honrada das leis; rasgue se e perfure-se a aspera e alterosa serra, para se poder passar de cá para lá e de lá para cá: — mas espauquemos a ave negra do silencio que paira sobre nós; mas electrifiquemos o lethargo dos que dentro d'este tumulo jazem; porque para se poder ver essa luz e percorrer esse caminho, é mister que os olhos se abram, e que a magestosa figura humana se alevanto sobre os seus pés!

Que a mesma voz que brada: — Luz! vida! —, para além da serra, brade tambem n'este tacito recinto: — Eis a luz, eis a vida!

O *Algarve Illustrado* nasce e viverá para illustrar o Algarve. Illustrar é dar luz, movimento e vida.

Como quer que elle o faça, cu sando o *Algarve Illustrado!*

Faro, maio 1880.

Annes Baganha.

Salvê, obreiros do progresso, aves implumes da sciencia, que assim vos arrojaes ás espheras ignotas das regiões do ideal.

Possam os vossos vãos audaciosos tocar o zenith da gloria e colher a palma com que ella adorna a fronte dos que sacrificam nas suas aras a precoce existencia d'este ephemero desterro!

E' nobre a idéa, grande o fim; maravilhosos serão os resultados!

O Algarve, que possui o anreo sol da Italia, a prata da lua da Syria e o olor dos jardins do Iran, jamais pode deixar de acompanhar os progressos da civilização que tanto ensoberbecem a grande familia humana. Foi aqui, n'este canto darvelha Europa, que outrora se conheceram e realisaram as empreheedoras idéas de que resultaram as grandes conquistas que deram nome e gloria á nação marítima; justo é que os descendentes de tão preclaros avoengos se mostrem, ainda que por modo diverso, dignos d'esse antigo renome.

Aqui, sob a influencia d'este benigno clima, pensa-se, medita-se e obra-se conforme os impulsos da epocha.

Vivem em erro aquelles que nos julgam apenas restos de bastardas e barbarescas raças que a civilização arabe não ponde aperfeçoar; debaixo d'este horisonte, as raças extinguem-se, mas as idéas apuram-se e medram.

A lisonja não me cega ante o quadro da realidade; demais, é insuspeita a minha apreciação, porque o Algarve não foi o meu berço, mas adopto esta patria querida a que me ligam cinco lustros de extremosa affeição.

O *Algarve Illustrado* vac preencher uma grande lacuna no livro dos destinos d'esta provincia. Nelte vasarão de molde os productos de tautas intelligencias que por ali vagueiam inultas; e verão que abundante colheita de grandes pensamentos e de elevadas idéas vão surgir do meio d'esses sarcaes da indifferença.

Os esplendores d'esse ceu sereno, os arreboes d'esses horisontes que deslunbram a alma quando se embrenha na contemplação beatifica das maravilhas da natureza, serão incentivo bastante para despertar os vãos d'essas imaginações fertes e sensiveis que hão de fazer honra, no futuro, á patria de João de Deus, d'esse mimoso poeta lyrico que hade passar á posteridade.

Salvê, mil vezes salvê, apóstolos da intelligencia, que assim vos dedicaes ousados á grande cruzada jornalística.

Algures, maio, 1880.

D. d'A.

O RETRATO

«Em testemunho de amizade, offerece ao seu amigo... Fulano de tal»

Estas e outras phrases vemós nós por ali espalhadas n'umas tiras de cartão, que representam cartanilhas mais ou menos repellentes, sorrisos mais ou menos affectados, posições mais ou menos delambidas.

Desdobrems ao acaso um album.

Logo na primeira pagina dois sujeitos em pé, a tres quartos, immovéis, liertos, serios, attentos para um ponto qualquer. Ao fundo percebe-se o mar ao longe e um céu miulado. Estão descobertos ao lado d'uma columna, barbeados, bem penteados, eugravatados.

Percebem? Nas costas as iniciaes d'elles, quasi apagadas.

Mais adiante apparece um outro mettido n'um *paletot* preto, abotoado. E' um quarto com janella; elle está só e sorri-se para a parede. Tem a fronte erguida e o pescoço apertado n'um collarinho estreito. Descansa um braço sobre a mesa e o outro sobre a perna.

Aquillo foi tudo estudado e combinado com o photographo. As mangas curtas, enrugadas para o cotovelo mostram os pulhos escassos, e estes, muito

alvos, descobrem ainda tres pollegadas d'um pulso magro, ossudo, dobrado na borda da mesa, d'onde pendem cinco dedos inertes, unidos. Tem os joelhos luzidios, pontagudos e nma flor na *boutonnère*. Aquella cabeça está forçosamente segura por detraz.

Sorri-se, disse eu? Aquillo não é um sorriso. É uma contração tremida aos cantos da bocca e um olhar fechado, enrugado.

Voltemos a folha. Em pé, chapéu sobre a cadeira, a mão sobre o espaldar, o braço arqueado, a perna cruzada, um pé no chão e outro mal tocando o tapete com o bico da bota. Tem o corpo inclinado para a direita e o olhar cravado em frente com uma seriedade de palhaço. Este não ri; tem um bigode cansado, pendido, grosso, pesado e um *cachenez* de xadrez.

Na pagina seguinte... Um busto que dei a advinhar a elegancia, um monte de cabellos frisados, encaracolados, enroscados, revoltos, ondecados, abundantes, cercam esta fronte ampla, intelligente. Dois arcos de circulo, leves, finos, cobrem, como que a medo, uns olhos rasgados, risonhos, meigos, brilhantes, que attrahem, prendem, iuebriam, magnetisam, subjungam.

Um sorriso pequenino, subtil, imperceptivel quasi, esvoaça n'uns labios que se cerram apenas, e uma ruga que se contrain, maliciosa, descei desde a face ao canto da boca sensual, ligeira, onde se escondem dois fios de perolas e nma promessa talvez. Dois caracos desprendidos cairam ao acaso sobre o hombro, vindo curiosos beijar-lhe brandamente o seio; um ramo de flores singelas esconde-se-lhe entre as rendas que lhe enfeitam o collo esculptural, e de nma tira de velludo preto pende-lhe ao pescoço um medalhão importuno, atrevido, quasi a desaparecer, a mergulhar...

Tem data, mas não tem nome. Estará escripto no registro de parochia e talvez no coração egoista d'algum tímido admirador, que, á falta de coragem, irá ver á porta do photographo a effigie que eu agora contemplo.

Amor platonico que se contenta com o olhar fixo que o papel lustroso lhe envia.

En daria alguma cousa para conhecer o original d'este retrato.

Quem sabe? Talvez nma Aspazia artista que estudou um sorriso e concorreu ou pediu a exposição gratuita na hobreira. Será nma ingenna innocente a quem afagava um pensamento risonho, ou nma presumida que pediu auxilio ao alvaiade e carmin, e ao *lojista* nma trança que não tinha?

O carnaval passou já, é verdade, mas ha tantas seductoras caraças por esse mundo de Christo!

Passemos adiante. Seriedade. Nma avosinha curvada, macilenta, mureha como um pé de fava, amorticada. Foi talvez a muitas instancias que ella se decidiu a pôr a touca antiga e á sentar-se receiosa na cadeira de braços. Tem um sorriso velho, constante, chronico, como que petrificado nos labios secços, sumidos. Pensa decerto no seu bom tempo de rapariga e espera quasi alegre a prova cruel que lhe mostrará o derradeiro vestigio do passado, n'um olhar sem expressão, n'um corpo alquebrado, em ruinas, n'um queixo escalvado, n'umas rugas desanimadoras. Salvê, pobre avó pendida! Pódes morrer agora. Lá fica o teu retrato no album da familia, como nma reliquia, nma recordação, nma saudade para os teus netos que, ao vel-o, lembrarão as tuas caricias, os teus conselhos, as tuas impertinencias. Serás, no archivo de antiguidades, o livro saudoso que a morte fechou sobre a campa, deixando apenas a folha amarrellada pelo vestigio das lagrimas.

Vamos! não nos enternecemos e fechemos o album.

Para que nos retratamos? Para nos contemplar-

mos? Bastaria então um espelho. Para que nos conlucam os indifferentes? Mandemos n'esse caso para o *Diario de Portugal* a nossa biographia acompanhada d'uns traços que deem idea da nossa fealdade.

Para deixarmos depois da mó te nma lembrança do que fomos? Tolice! Guardemos antes no pensamento essas impressões ou saudades e deixemos a seriedade ou o sorriso immoveis do retrato, mentiroso quasi sempre.

Encerremos no coração a memoria do ente que foi, ou guardemos n'alma a lembrança desbotada dos sorrisos ou promessas segredadas, que por ventura nos tenham feito amar a vida.

Percorreu o Algarve o sr. L., pintor afamado. Oh! damas gentis! Não vos presteis a servir de modelo. Deixae-o antes traçar na tela um rosto que não seja o vosso; realisar com o pincel um pensamento seu; idealisar a lapis a visão do poeta, a imagem que sorri ao artista, e admirae depois no quadro a finura dos traços, o arrojo do mestre, a poesia da idea.

Não busqueis um sorriso de combinação com a arte. Grave antes o vosso rosto n'nma outra tela mais deradoira; mirae-vos a um outro espelho mais poído e menos fragil onde a vossa imagem se conservará para sempre; penetrae, e conseguil-o-heis, n'um coração idolatra—sacerario inviolavel—que vos saberá acariciar; incuti-vos n'um pensamento que dominareis e onde sereis rainha, inundada de luz e de mil afagos.

Procurae aquelle lugar, que é o vosso, e não queiraes servir de ornamento n'um salão qualquer, suspenso d'um prego ferrugento, sob a transparencia d'um vidro e acariciada pelas moscas incivis, que irão pousar á noite nos contornos deliciosos do vosso semblante desenhado a pincel.

Villa Real de Santo Antonio, maio, 1880.

EXPEDIENTE

O ALGARVE ILLUSTRADO será distribuido em cada terra por via d'um correspondente, a quem a empresa remette os jornaes bem enrolados, de maneira que se não dobrem, e com o fim de evitar o quebrar-se o papel e a photographia.

Roga-se a todos os cavalheiros que ainda não tenham assignado e queiram dispensar-nos a fineza da sua assignatura o obsequio de declararem aos srs. correspondentes, para estes participarem á empresa o numero de jornaes que se devem remetter para cada terra.

O pagamento será feito no acto da distribuição de cada numero, não podendo ser entregue segundo jornal a quem não tiver satisfeito a importancia do antecedente.

Os cavalheiros que não quizerem receber o jornal por via dos srs. correspondentes participarão a esta empresa, enviando a importancia de 6 numeros para se fazer a remessa em separado

Todas as despesas, como estampilhas, distribuição, percentagens de valles do correio, etc., são feitas por conta da empresa, tendo os srs. correspondentes 10 por cento do producto das assignaturas na sua localidade, epresentando contas ao proprietario d'este jornal no fim da distribuição de cada numero.